

O impulso à Ciência

Alvim

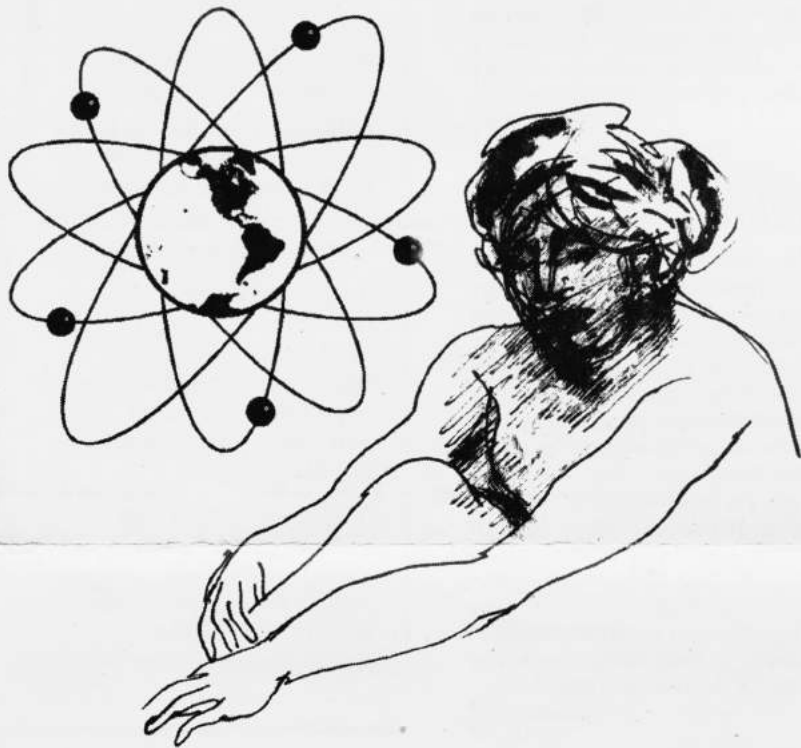
MÁRIO NOVELLO

É consenso que o desenvolvimento das nações se fundamenta no seu potencial científico-tecnológico, que é a força motriz de seu crescimento. Existem vários caminhos para isso. Aparentemente o mais simples seria levar ao extremo uma prática usual nos EUA de importar cientistas. Isso ocorreu em dois momentos especiais do século XX. O primeiro grande movimento se deu com a transferência de cientistas alemães nos anos 1940; o segundo aconteceu com a queda do muro de Berlim e o desmantelamento da organização científica da União Soviética.

Em tempos não tão dramáticos, a acolhida de cientistas e técnicos estrangeiros constitui uma atividade convencional não somente nos EUA, mas em outros países. O intercâmbio na área é uma prática usual à qual o Brasil vem recorrendo com eficiência, mas não de forma prioritária. Isso porque não se deve diminuir a importante contribuição dos centros de formação de cientistas e técnicos de cada país, pois eles são os verdadeiros responsáveis pela orientação das pesquisas.

As instituições brasileiras têm usado critérios predominantemente científicos nesse intercâmbio. Podemos lembrar um exemplo relevante que ocorreu nas décadas de 60 e 70, quando a América do Sul vivia governos ditatoriais. O Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, por exemplo, contratou vários cientistas argentinos que contribuíram significativamente. Mais recentemente tem-se acenado com a perspectiva de alterar essa política, usando outros critérios. Seria essa mudança benéfica? Traria um desenvolvimento maior?

Mas seria esse sistema de importação o único possível ou o mais eficiente? Certamente a resposta é negativa. Saiamos do cenário americano e consideremos um exemplo vindo da Europa. A notável recuperação da ciência alemã depois da IIª Guerra teve várias



causas, entre elas a reestruturação de sua administração com a criação do que se chamou a Federação Max-Planck: uma série de institutos temáticos, independentes, espalhados de modo estratégico na Alemanha. Poderíamos usar essa experiência para impulsionar a ciência brasileira? O CBPF, responsável oficial pelo desenvolvimento e organização da física brasileira, está iniciando sua reestruturação tendo essa proposta em seu horizonte.

Se quisermos empreender um grande salto em nosso desenvolvimento, é preciso uma reforma de dimensão comparável àquela vivenciada pela Alemanha do pós-guerra. Essa reforma se deu para que ela readquirisse seu status na liderança científica mundial; nós, brasileiros, deveríamos realizá-la para que possamos atingir essa condição.

Os últimos governos brasileiros aceitaram o argumento de que, para construir um grande país, é necessário avançar em várias frentes simultaneamente. Na área científica reconheceu-

se a importância de incentivar tanto a pesquisa fundamental como a inovação tecnológica. A estratégia principal é não perder de vista que ciência fundamental e tecnologia de ponta não são concorrentes, mas sim parceiros.

No momento em que o país pretende implementar ciência e tecnologia, a ideia de construirmos — à semelhança dos Institutos Max Planck — a Federação Cesar Lattes é certamente oportuna. Os centros de pesquisa que constituiriam essa Federação seriam escolhidos por critérios internacionais de relevância da área de atuação, atentando para não privilegiar uma só região do país. Tal empreendimento poderia receber também parcerias com outros países que poderiam levar à instalação de laboratórios internacionais. Não seria um poderoso instrumento capaz de impulsionar a ciência brasileira?

MÁRIO NOVELLO é pesquisador do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas e do Instituto de Cosmologia, Relatividade e Astrofísica.